

# Relações da infância com a escola e os adultos na atualidade

**Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos**

*douglas.pestana@unifesp.br*

É Psicanalista, Pedagogo, Bacharel em Administração. É especialista em tecnologias educacionais USP. Atualmente é Membro da Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade USP/IEA. Sócio(a) da SBPC Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Membro da Rede Nacional da Ciência para a Educação- CPe.

**Karina Silva Santos Cunha**

*karina.santos@unifesp.br*

Mestranda em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. Atuou na educação básica, lecionando no apoio pedagógico a alunos de educação especial do ensino fundamental, cooperando diretamente com a coordenação pedagógica para a criação, planejamento e desenvolvimento de projetos paralelos na sala de leitura para atender a educação infantil e fundamental I e II

**Wagner Antunes da Silva**

*wagner.silva9@metodista.br*

Especialista em Docência no Ensino Técnico pelo Centro Universitário Senac, Mestre em Educação, Subjetividade e Psicanálise pela Universidade Ibirapuera

## RELAÇÕES DA INFÂNCIA COM A ESCOLA E OS ADULTOS NA ATUALIDADE

### CHILDHOOD RELATIONSHIPS WITH SCHOOL AND ADULTS TODAY

### RELACIONES DE LA INFANCIA CON LA ESCUELA Y LOS ADULTOS EN LA ACTUALIDAD

#### Resumo

Neste artigo pretendemos refletir sobre as complexas relações que a infância mantém com a escola e os adultos na contemporaneidade. Por meio de uma análise interdisciplinar que abrange áreas como psicologia, psicanálise, antropologia e educação, fitamos ainda, as transformações das dinâmicas educacionais e as interações entre crianças, educadores e responsáveis nos últimos anos. Destacamos as influências da cultura, a evolução das abordagens pedagógicas e o impacto das mudanças sociais nas experiências infantis dentro da sala de aula.

**Palavras-chave:** Infância, Escola, Relações, Cultura Digital, Educação.

#### Abstract

In this article we intend to reflect on the complex relationships that children have with schools and adults in contemporary times. Through an interdisciplinary analysis covering areas such as psychology, psychoanalysis, anthropology and education, I also focus on the transformations in educational dynamics and interactions between children, educators and guardians in recent years. I highlight the influences of culture, the evolution of pedagogical approaches and the impact of social changes on children's experiences in the classroom.

**Keywords:** Childhood, School, Relationships, Digital Culture, Education.

#### Resumen

En este artículo pretendemos reflexionar sobre las complejas relaciones que la infancia mantiene con la escuela y los adultos en la contemporaneidad. A través de un análisis interdisciplinario que abarca áreas como la psicología, el psicoanálisis, la antropología y la educación, también busco examinar las transformaciones de las dinámicas educativas y las interacciones entre niños, educadores y responsables en los últimos años. Destaco las influencias de la cultura, la evolución de los enfoques pedagógicos y el impacto de los cambios sociales en las experiencias infantiles dentro del aula.

**Palabras clave:** Infancia, Escuela, Relaciones, Cultura Digital, Educación.

## Introdução

A relação entre a infância, a escola e os adultos é um tema complexo e em constante evolução, especialmente na contemporaneidade. Nos últimos anos, mudanças significativas nas dinâmicas educacionais, avanços tecnológicos e transformações sociais têm impactado a forma como as crianças interagem com o ambiente escolar e com os adultos envolvidos em sua educação. Neste texto, exploro essas relações sob uma perspectiva interdisciplinar, abrangendo campos como psicologia, psicanálise, sociologia e educação.

Hoje, crianças têm acesso a dispositivos eletrônicos desde tenra idade, o que influencia suas interações com o mundo ao seu redor. Essa exposição precoce à tecnologia afeta não apenas como as crianças aprendem, mas também como se relacionam com os adultos.

O cenário educacional passou por mudanças profundas nas últimas décadas. A tecnologia desempenhou um papel crucial nesse processo, com a ascensão da cultura digital. A aprendizagem digital oferece novas oportunidades, como acesso a uma ampla gama de recursos educacionais e a possibilidade de aprender de forma mais personalizada. No entanto, também desafia as estruturas tradicionais da escola, à medida que crianças se tornam autodidatas em muitos aspectos. Isso requer uma abordagem pedagógica que valorize a autonomia e o pensamento crítico, ao mesmo tempo em que fornece orientação e supervisão adequadas.

As mudanças na educação refletem-se em novas abordagens pedagógicas. Abordagens centradas no aluno ganham destaque, onde o papel do educador se transforma de um transmissor de conhecimento para um facilitador da aprendizagem. Essa mudança é observada em diversos contextos educacionais ao redor do mundo, abrangendo desde escolas tradicionais até instituições de ensino inovadoras.

Essa abordagem mais centrada no aluno é, de fato, um aspecto real em nosso cotidiano escolar, porém, sua implementação varia de acordo com o contexto, recursos disponíveis e a visão pedagógica de cada instituição. Em muitos casos, já é aplicada na prática, com educadores adaptando seus métodos de ensino para promover o pensamento crítico, a resolução de problemas e a colaboração entre os alunos. No entanto, ainda há desafios a superar para uma adoção mais ampla e consistente dessa abordagem, como a necessidade de formação continuada para os educadores e a superação de estruturas educacionais mais tradicionais.

Essas mudanças nas abordagens pedagógicas têm implicações nas relações entre crianças e adultos na escola. Os educadores atuam como guias, incentivando a curiosidade e a exploração. O diálogo entre crianças e adultos se torna mais horizontal, promovendo uma relação de parceria no processo educacional.

Além das mudanças na sala de aula, as relações interpessoais também estão sendo influenciadas. O mundo digital oferece novas formas de interação social, com redes sociais, jogos online e outras plataformas que conectam crianças a colegas e adultos de todo o mundo. No entanto, essa interconectividade também traz desafios, como a necessidade de desenvolver habilidades de comunicação digital segura.

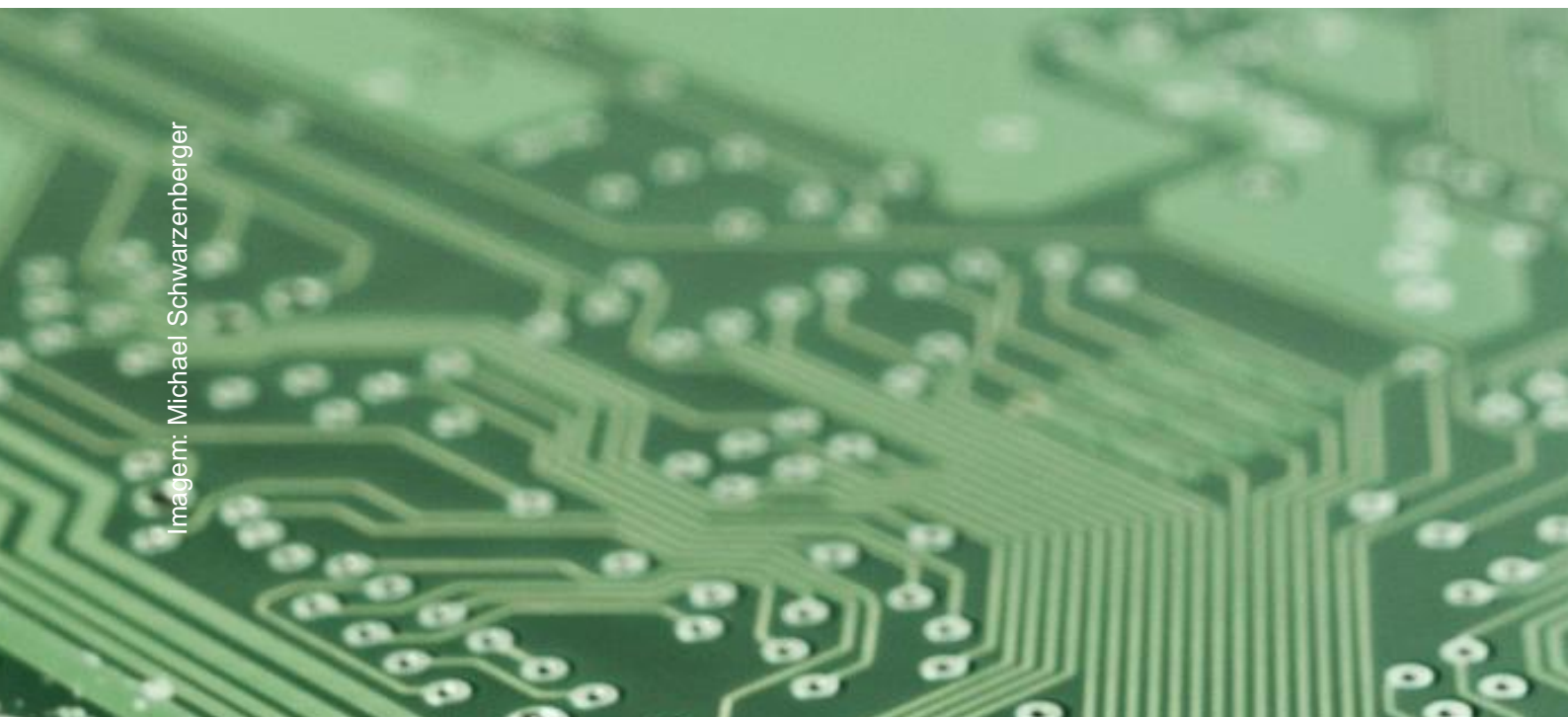
A relação entre crianças e adultos na escola também evolui à medida que se busca criar um ambiente mais inclusivo e participativo. A escuta ativa e a empatia são fundamentais para compreender as necessidades individuais das crianças. A colaboração entre educadores, pais e responsáveis torna-se essencial para apoiar o desenvolvimento integral da criança.

## **Objetivos**

O objetivo desse artigo é refletir brevemente as influências da cultura digital, as novas abordagens pedagógicas e as implicações dessas mudanças nas experiências infantis dentro e fora da sala de aula.

## **Método**

Esta pesquisa, de cunho qualitativo explicativo, busca explorar em profundidade os fenômenos educacionais em volta da infância.




## **A Infância a partir da psicanálise: um entendimento complexo**

Esqueci-me no tempo. Perdido na selva de neurônios entrelaçados em pequenas fagulhas elétricas... (Santos, 2022. p. 02)

A perspectiva de Freud sobre a importância da infância na formação da psique é essencial para a psicanálise. Segundo Freud, a criança não é apenas um ser passivo na sua educação, mas um indivíduo que experimenta uma gama complexa de emoções e impulsos. Freud revela uma infância marcada por tristeza, solidão, raiva e desejos destrutivos, bem como conflitos e contradições internas. Ele também reconhece a presença da sexualidade na criança, que se manifesta de maneiras que muitas vezes escapam ao controle educativo. Além disso, afirma que a criança é capaz de expressar diversas manifestações psíquicas do amor, como ternura, dedicação e ciúme (Freud, 1907/1976a, p.139). Esse entendimento ressalta a complexidade emocional e a riqueza do mundo interno infantil, elementos cruciais para a compreensão psicanalítica do desenvolvimento humano.

Entender o infantil é considerado complexo por diversas razões que envolvem a natureza multifacetada do desenvolvimento infantil. Primeiramente, a infância é um período de intenso crescimento físico, cognitivo, emocional e social. Durante essa fase, as crianças passam por rápidas mudanças em suas capacidades e comportamentos, o que requer uma abordagem interdisciplinar para compreender completamente seu desenvolvimento.



**Hoje, crianças têm acesso a dispositivos eletrônicos desde tenra idade, o que influencia suas interações com o mundo ao seu redor. Essa exposição precoce à tecnologia afeta não apenas como as crianças aprendem, mas também como se relacionam com os adultos. (p.57)**

Além disso, as crianças expressam suas experiências e sentimentos de maneiras diferentes dos adultos. Sua comunicação é frequentemente não verbal, e suas percepções do mundo são moldadas por processos de pensamento que ainda estão em desenvolvimento. Isso exige métodos específicos de observação e interpretação para acessar e entender suas perspectivas. Outro aspecto da complexidade está nas influências diversas e interativas que moldam o desenvolvimento infantil, incluindo fatores biológicos, familiares, culturais, sociais e ambientais. Cada criança é única e responde de maneiras distintas a essas influências, o que torna a generalização um desafio.

Neste diapasão, do ponto de vista psicanalítico, como proposto por Freud, a infância é um período em que muitos dos conflitos e dinâmicas inconscientes que afetam o comportamento e a personalidade na vida adulta começam a se formar. Esses processos inconscientes são, por definição, difíceis de observar e medir diretamente, adicionando outra camada de complexidade à compreensão do infantil. Portanto, para nós, entender o infantil exige uma abordagem holística e sensível, capaz de integrar múltiplas dimensões do desenvolvimento humano e as particularidades de cada criança.

A relação entre a mãe e o bebê, especialmente no que diz respeito à comunicação e à formação do sujeito estão intimamente ligadas. Pensemos como ações básicas de cuidado, como trocar fraldas e alimentar, embora essenciais, não são suficientes para promover o desenvolvimento completo do bebê como um ser humano com capacidades intelectuais e subjetividade.

A mãe, desempenha um papel fundamental ao falar com o bebê em voz alta e baixa, contar histórias e inventar diálogos, mesmo que seja ela mesma quem responde às perguntas. Essa interação vai além das necessidades físicas e se torna uma maneira de transmitir capacidades intelectuais e de comunicação para a criança. Ela cria um espaço onde o bebê é reconhecido como um sujeito capaz de compreender e responder, mesmo que suas respostas sejam apenas gestos e balbucios iniciais.

Winnicott (1956/1982) nos lembra que, ao contrário do que se poderia imaginar, o conceito de "mãe suficientemente boa" não se refere a uma mãe perfeita. Em vez disso, Winnicott descreve uma mãe que atende às necessidades básicas primárias do bebê de maneira adequada, sem a exigência de perfeição. Ele argumenta que a falibilidade da mãe é essencial para o desenvolvimento saudável da criança, pois permite a construção de um ambiente em que o bebê pode aprender a lidar com frustrações e desenvolver resiliência. Dessa forma, a "mãe suficientemente boa" é aquela que equilibra cuidados e falhas de maneira a promover o crescimento emocional e psíquico do bebê.

No início da relação mãe-bebê, a mãe envolve-se ativamente no cuidado, segurando o bebê, amamentando-o ou alimentando-o com mamadeira. Durante essa fase inicial, a mãe e o bebê funcionam como uma unidade integrada. Segundo Winnicott (1963b/1983b), a maturação emocional começa através de uma comunicação silenciosa e não verbal, que é sentida antes de qualquer expressão verbal. Esse tipo de comunicação é crucial para o desenvolvimento emocional do bebê.

Dentro desse contexto, surge a questão de por que a mãe se engaja tão profundamente nesse processo de fala e interação com o bebê. A resposta a essa questão está enraizada na incerteza que a mãe sente em relação às necessidades reais da criança. Além disso, há a esperança de que, ao criar um espaço de comunicação, o bebê possa, de alguma maneira, revelar o mistério que o caracteriza como um ser recém-chegado e ainda desconhecido no mundo. Essa interação inicial não apenas atende às necessidades básicas do bebê, mas também estabelece as bases para o desenvolvimento emocional e psíquico, promovendo um ambiente em que o bebê pode começar a se expressar e a se relacionar com o mundo ao seu redor.

O enigma da diferença entre "a Mulher" e "uma mãe" é possível usar como sugestão para entender que a maternidade envolve uma transformação na identidade da mulher, que agora assume um papel específico na vida do bebê. Essa diferenciação é parte da complexidade da relação mãe-filho, onde a mãe busca compreender e se conectar com seu filho.

A importância da comunicação e da interação entre mãe e bebê é fundamental para a formação subjetiva e intelectual da criança. Essa relação inicial é complexa e multifacetada, destacando as razões pelas quais a mãe se envolve profundamente em dar voz e significado ao mundo do seu filho. A teoria do apego de John Bowlby (1969) corrobora essa perspectiva ao enfatizar que a qualidade do vínculo entre mãe e bebê é essencial para o desenvolvimento emocional e psicológico saudável. Bowlby argumenta que a segurança proporcionada por um vínculo de apego sólido permite que a criança explore o mundo com confiança, facilitando tanto o crescimento emocional quanto o intelectual. Portanto, a interação inicial não apenas satisfaz as necessidades básicas da criança, mas também estabelece as bases para seu desenvolvimento futuro, promovendo uma ligação segura que é crucial para a formação da identidade e da capacidade de relacionamento ao longo da vida (Bowlby, 1969).



O cenário contemporâneo nos leva a questionar a forma como encaramos a infância e as crianças. Há uma crença difundida de que as crianças de hoje são mais inteligentes, autônomas e expressam suas opiniões de forma mais assertiva do que as gerações anteriores. Segundo Prensky (2001), as crianças da era digital, frequentemente denominadas "nativos digitais", possuem habilidades cognitivas e tecnológicas avançadas devido à exposição precoce à tecnologia e à informação. Essa mudança nas percepções nos leva a duvidar se podemos ainda chamar esses indivíduos de "crianças" no sentido tradicional da palavra, pois suas características e comportamentos parecem distantes da ideia que tínhamos sobre a infância no passado.

Articulando essa discussão com a teoria de Philippe Ariès sobre a história social da infância, observa-se que Ariès (1960) argumenta que a concepção de infância é uma construção social que evolui ao longo do tempo. No passado, a infância era vista de forma muito diferente, com crianças sendo rapidamente integradas ao mundo dos adultos. Hoje, essa evolução parece ter alcançado um novo patamar, onde as fronteiras entre a infância e a vida adulta se tornam cada vez mais tênues. Essa transformação nos força a reconsiderar o que entendemos por infância e a adaptar nossas abordagens educacionais e sociais para responder às novas realidades das crianças contemporâneas.

Essa nova visão da infância nos faz repensar o papel dos adultos e da educação. Acreditamos que devemos nos adaptar a essa realidade em constante transformação, reformulando nossos métodos de educação. O conhecimento adquirido a partir de nossa própria experiência como crianças parece inadequado para compreender e guiar as gerações mais jovens.

Acredito que, finalmente, estamos amando e respeitando mais nossas crianças, pois buscamos suas opiniões e incentivamos sua participação em diversos aspectos da vida, incluindo a educação. A implementação de leis que reconhecem e protegem os direitos das crianças em nossa sociedade reflete essa mudança. De acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU (1989), os direitos das crianças devem ser respeitados, incluindo seu direito à participação, à expressão e à consideração de suas opiniões em todos os assuntos que as afetam. Esta perspectiva é apoiada por teóricos como Janusz Korczak, que defendia que as crianças devem ser tratadas com dignidade e respeito, sendo consideradas como sujeitos plenos de direitos. Além disso, autores como Maria Montessori argumentam que a educação deve ser centrada na criança, promovendo sua autonomia e capacidade de participação ativa em seu próprio aprendizado.

Assim, essas abordagens teóricas sustentam a ideia de que estamos progredindo em nossa maneira de amar e respeitar nossas crianças, reconhecendo sua voz e participação como essenciais para seu desenvolvimento e bem-estar.

Entretanto, devemos questionar se estamos realmente garantindo um ambiente saudável para as crianças em meio a essas mudanças. A infância parece estar encolhendo ou até mesmo desaparecendo para as crianças de hoje, conforme argumenta Neil Postman em seu livro "O Desaparecimento da Infância" (1994). A pressão para que as crianças cresçam rápido demais é uma preocupação válida, pois a infância é um período único e essencial de desenvolvimento. Nesse contexto, o conceito de "ambiente facilitador" de Donald Winnicott torna-se crucial. Winnicott (1965) enfatiza que um ambiente facilitador é aquele que proporciona segurança, estabilidade e suporte emocional, permitindo que a criança explore o mundo de forma segura e saudável.

A ideia de que os adultos, supostamente mais conscientes e esclarecidos, devem tolerar os hábitos, interesses e gostos singulares e novos das crianças é relevante. No entanto, é importante lembrar que a tolerância não deve se traduzir em uma renúncia à responsabilidade de orientar e proteger as crianças. Elas ainda precisam de orientação e limites para se desenvolverem de forma equilibrada. De acordo com Winnicott (1965), a presença de limites e a orientação adequada são partes integrantes de um ambiente facilitador, que ajuda a criança a entender o mundo ao seu redor e a construir uma identidade segura e saudável.

Portanto, ao mesmo tempo em que reconhecemos a importância de respeitar e valorizar as novas formas de expressão e autonomia das crianças, devemos garantir que elas cresçam em um ambiente que lhes ofereça o suporte necessário para seu desenvolvimento integral.

A suposição de que estamos em uma linha evolutiva clara e positiva na forma como lidamos com a infância é questionável. Essa crença pode ser um indicativo de que algo não está funcionando bem em nossa sociedade em relação às crianças. Talvez precisemos reavaliar nossas abordagens e as pressões que colocamos sobre as gerações mais jovens em busca de um equilíbrio entre a evolução e a preservação da verdadeira essência da infância.

Duvidar da evolução de nossos hábitos e costumes não implica necessariamente a crença em uma degradação inevitável. Pelo contrário, sugere que conceitos como família, tradição e propriedade são produtos da sociedade que estão constantemente sujeitos a mudanças ao longo do tempo. Eles não apenas mudam de foco, mas também se adaptam às tendências e modas do momento. Portanto, não se trata apenas de evolução ou degradação, mas sim de diferentes formas históricas de vida que refletem nossa constante busca por identidade e significado, especialmente em relação à complexa relação entre adultos e crianças.

Articulando essa ideia com a teoria de Zygmunt Bauman sobre a sociedade moderna, podemos entender essas mudanças como parte de um processo mais amplo de "modernidade líquida". Bauman (2000) argumenta que, na modernidade líquida, as estruturas sociais e as relações humanas tornam-se mais fluidas e menos estáveis. Isso se reflete na maneira como interpretamos e nos relacionamos com conceitos tradicionais como família e infância. As constantes mudanças nas normas e valores sociais exigem uma adaptação contínua, e essa fluidez é uma característica central da modernidade contemporânea.

Assim, ao invés de uma perspectiva de evolução linear ou de degradação, podemos ver a sociedade como um campo dinâmico onde múltiplas formas de vida coexistem e se transformam. A relação entre adultos e crianças, portanto, deve ser vista através dessa lente de complexidade e adaptação contínua, reconhecendo que nossa busca por identidade e significado é um processo em constante evolução.

No entanto, isso não significa que todas as formas de vida sejam igualmente válidas. A sociedade contemporânea tende a se confortar com a ideia de que pode promulgar leis para garantir os direitos das crianças, como o direito a brincar. Essa sensação de tranquilidade é preocupante, pois nos leva a questionar até que ponto estamos dispostos a reconhecer a possibilidade de que o infanticídio ainda exista em formas simbólicas. Embora as crianças de hoje não sejam mortas por negligência como bebês em eras passadas, ainda enfrentam várias ameaças e perigos que não podem ser ignorados.

Articulando essa preocupação com o trabalho de Maria Luiza Marcílio, "A História Social da Criança Abandonada" (1998), percebemos que o tratamento das crianças abandonadas e negligenciadas é um tema persistente ao longo da história.

Marcílio destaca como, em diferentes épocas, as crianças abandonadas eram muitas vezes vítimas de negligência e infanticídio. Hoje, essas práticas podem não ser literais, mas há formas simbólicas de abandono e negligência que persistem. A exposição a ambientes violentos, a falta de acesso à educação de qualidade e o trabalho infantil são exemplos contemporâneos de como as crianças ainda enfrentam graves riscos.

Portanto, enquanto celebramos os avanços legais na proteção dos direitos das crianças, devemos estar atentos às novas formas de ameaças e negligência. É essencial que continuemos a desenvolver e implementar políticas que não só reconheçam os direitos das crianças, mas também protejam ativamente contra todas as formas de dano, sejam elas físicas ou simbólicas.

O infanticídio simbólico<sup>1</sup> se manifesta na omissão dos adultos em relação às crianças, que agora parecem espiritualmente abandonadas. Esta negligência vai além das aparências e reflete uma falta de envolvimento real com as gerações mais jovens. A ênfase atual na bondade democrática e no amor dos adultos não implica necessariamente que estejamos verdadeiramente comprometidos com a vida em comum com as crianças. Isso levanta a questão fundamental de como podemos ter certeza de algo e comunicá-lo a uma criança, o que muitas vezes se torna um desafio complexo.

Essa abordagem simplista da educação das crianças, muitas vezes baseada em ideias pré-concebidas e não na compreensão profunda das necessidades e realidades das crianças, reflete uma falta de reflexão crítica sobre o papel da infância na sociedade contemporânea. Segundo David Buckingham (2000), em sua obra *After the Death of Childhood*, a infância na era moderna está em constante mudança, influenciada por fatores sociais, culturais e tecnológicos. Buckingham argumenta que nossa percepção da infância precisa ser continuamente reavaliada à luz dessas mudanças.

Como diria Freud (1929), “estamos tentando educar as nossas crianças?” O problema fundamental é que, ao adotar uma visão excessivamente idealizada e simplista da infância, podemos negligenciar as complexidades reais que as crianças enfrentam hoje.

---

1 O termo "infanticídio simbólico" se refere a um conceito que não está relacionado diretamente ao assassinato físico de crianças, mas sim a uma forma de negligência ou descaso emocional e psicológico em relação às crianças. Esse conceito sugere que, apesar de não haver uma ameaça direta à vida física das crianças, sua saúde mental e emocional pode ser prejudicada devido à falta de atenção, compreensão e apoio adequado por parte dos adultos. Diferentemente do infanticídio literal, que envolve o assassinato físico de crianças, o infanticídio simbólico não causa danos físicos diretos às crianças. Este conceito pode ser comparado à ideia de violência simbólica discutida por Pierre Bourdieu, que abrange as formas sutis de coerção e negligência que podem impactar o desenvolvimento e o bem-estar das crianças (Bourdieu, 1991).

A suposição de que as crianças de hoje são mais inteligentes e autônomas do que as gerações anteriores pode ser um equívoco, pois ignora as pressões e desafios únicos que enfrentam em um mundo cada vez mais complexo e digital.

Articulando com o conceito de modernidade líquida de Zygmunt Bauman (2000), percebemos que a fluidez e a incerteza características da modernidade atual influenciam diretamente a experiência infantil. Na modernidade líquida, as estruturas e normas sociais são menos estáveis, o que contribui para um ambiente onde as crianças precisam navegar por pressões sociais, tecnológicas e culturais em constante mudança.

Portanto, em vez de adotar uma visão linear de progresso na relação entre adultos e crianças, é crucial manter uma perspectiva crítica e sensível às complexidades da infância contemporânea. Essas complexidades incluem a influência avassaladora da tecnologia e das mídias digitais, o aumento da pressão acadêmica e social, bem como as mudanças na estrutura familiar e nas expectativas sociais. Sonia Livingstone (2002) em sua obra *Young People and New Media* discute como as mídias digitais transformaram a experiência da infância, criando oportunidades e desafios para a socialização e o desenvolvimento cognitivo.

Além disso, autores como Neil Postman (1994) em *The Disappearance of Childhood* argumentam que a linha que separa o mundo infantil do mundo adulto está se tornando cada vez mais tênue, com crianças sendo expostas prematuramente a temas e responsabilidades adultas. Essa exposição precoce pode gerar estresse e ansiedade, impactando negativamente o desenvolvimento emocional das crianças.

Reconhecer essas complexidades envolve equilibrar tradições valiosas com adaptações necessárias, e, acima de tudo, compreender profundamente as experiências e necessidades das crianças em um mundo em constante mudança. A reflexão constante sobre como melhor nutrir, proteger e educar as crianças é essencial para garantir um futuro mais saudável e feliz para elas. Ao fazer isso, devemos nos basear em teorias e pesquisas que iluminem as realidades multifacetadas da infância contemporânea, garantindo que nossas práticas e políticas educativas sejam verdadeiramente responsivas às necessidades das crianças de hoje.

## A criança – um estrangeiro no campo educativo?

Na atualidade, em meio a tantos dilemas é justo alertar o educador sobre as formas de inclusão do sujeito no campo de construção do conhecimento. Estamos tratando o infantil como um estrangeiro em terras unicamente desconhecidas? Quem os recebe? Quem os inclui?

A noção sobre o que se entende por receber uma criança como se fosse um estrangeiro, mas não um extraterrestre ou um selvagem, é um ponto de partida intrigante para entender a dinâmica das relações entre adultos e crianças. Isso nos leva a uma reflexão profunda sobre como a sociedade percebe e interage com as crianças e como essa interação molda sua jornada para a vida adulta.

Primeiramente, quando tratamos uma criança como se fosse um estrangeiro, não estamos sugerindo que ela seja completamente alienígena ou estranha, mas sim reconhecendo que ela traz consigo uma perspectiva e uma experiência únicas que são diferentes das dos adultos. Essa diferença é vista como um "estranho mistério" que tanto intriga quanto angústia adultos e crianças.

Por outro lado, a metáfora do "bom selvagem" e do "mau selvagem" nos lembra que, historicamente, os adultos têm reagido de maneiras diferentes às crianças. Philippe Ariès, em sua obra *Centuries of Childhood* (1960), demonstra como a concepção de infância evoluiu ao longo dos séculos, evidenciando que as atitudes em relação às crianças variaram significativamente. Ariès argumenta que, na Idade Média, as crianças eram muitas vezes vistas como pequenos adultos, sem uma fase de vida específica reconhecida como infância. Com o tempo, a percepção da infância como um período distinto e importante para o desenvolvimento humano começou a emergir.

Alguns têm buscado compreender profundamente essa diferença, incentivando o desenvolvimento e respeitando a individualidade das crianças. Por exemplo, o movimento da educação progressiva, liderado por teóricos como John Dewey, enfatiza a importância de respeitar as capacidades e necessidades únicas das crianças, promovendo uma educação centrada no aluno e no desenvolvimento integral.

Por outro lado, outros têm tentado suprimir essa diferença, impondo expectativas e normas adultas de maneira rígida e, muitas vezes, desrespeitosa. Ariès destaca que, durante determinados períodos históricos, as crianças foram submetidas a regimes disciplinares severos e a uma educação que não levava em conta suas necessidades e direitos específicos.

Essa dualidade nos mostra que a forma como a sociedade trata as crianças não é homogênea e pode variar desde o incentivo ao desenvolvimento até a rejeição e o desrespeito. Reconhecer essa variabilidade é crucial para entender as complexidades da infância contemporânea e para desenvolver abordagens educativas e sociais que realmente atendam às necessidades das crianças.

Lajonquière (2002) nos ensina que o cuidadoso *ato educativo* implica num fazer com os tempos, com a pluralidade dos tempos, ao ponto tal que bem poderíamos afirmar que aquilo "educativo" é a própria dialética temporal posta em ato pelo adulto no encontro desencontrado com uma criança. A chegada de uma criança implica uma mudança fundamental na dinâmica da vida, pois essa diferença entre a infância e a idade adulta é o que impulsiona o processo de amadurecimento. Os adultos têm a responsabilidade de orientar essa transição, dando tempo ao tempo e permitindo que a criança explore e aprenda. No entanto, muitas vezes, os adultos podem não compreender completamente o ponto de vista da criança e podem supor que possuem todo o conhecimento necessário para guiá-la.

É importante notar que as crianças estão sempre ansiosas para participar do mundo dos adultos, mesmo que, às vezes, isso signifique fingir saber mais do que realmente sabem. Esse desejo de fazer parte do mundo adulto é uma parte natural de seu desenvolvimento e exploração do mundo ao seu redor.

No entanto, quando as crianças crescem e se tornam adultos, muitas vezes percebem que o conhecimento suposto dos adultos na infância nem sempre era tão sábio quanto parecia. Isso nos lembra que o tempo de espera e a quarentena da infância são oportunidades preciosas para serem vividos e desfrutados, em vez de apenas um período para ser consumido com a educação declarada.

Ao utilizar a analogia de receber uma criança como um "estrangeiro" nos lembra da importância de reconhecer a singularidade das crianças como ensina Santos (2022) ao defender a ideia de que se garanta a *presença e o reconhecimento de sujeito* no campo educativo, e de permitir que elas cresçam e se desenvolvam em seu próprio ritmo. Isso também nos alerta sobre os perigos de assumir que sabemos tudo o que há para saber sobre as crianças e nos convida a abraçar o mistério e a maravilha da infância em nosso processo de educação e criação de crianças.

## Onde o professor erra ao receber a criança?

Segundo Pinto (1997, p.33):

Quem quer que se ocupe com a análise das concepções de criança que subjazem quer ao discurso comum quer à produção científica centrada no mundo infantil, rapidamente se dará conta de uma grande disparidade de posições. Uns valorizam aquilo que a criança já é e a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece.

Essas discrepâncias nas concepções de infância refletem-se também nos erros comuns cometidos por professores e adultos ao interagir com crianças. Um desses erros é não reconhecer a individualidade da criança, tratando todas de forma homogênea sem considerar suas necessidades, personalidades e ritmos de desenvolvimento únicos. Além disso, a falta de atenção às preocupações, perguntas e ideias das crianças pode fazer com que se sintam ignoradas e desvalorizadas, o que destaca a importância da escuta ativa. Outro erro significativo é impor expectativas não realistas sobre o comportamento e o desempenho acadêmico das crianças. Expectativas desmedidas podem criar uma pressão indevida, levando a criança a sentir-se incapaz. Igualmente importante é a criação de um ambiente seguro e de apoio, onde as crianças se sintam à vontade para expressar suas opiniões e fazer perguntas. A ausência de um ambiente acolhedor pode inibir a participação das crianças e afetar negativamente seu engajamento e desenvolvimento.

Considerar as necessidades emocionais das crianças é também essencial. Ignorar essas necessidades pode ter impactos negativos no bem-estar emocional e, conseqüentemente, no desempenho escolar das crianças. Além disso, a flexibilidade dos adultos em responder às necessidades e interesses das crianças é crucial. Ser excessivamente rígido ou inflexível pode limitar a criatividade e a curiosidade natural das crianças.

Neste contexto, reconhecer o valor do erro é fundamental no processo de aprendizado. Permitir que as crianças cometam erros e aprendam com eles é essencial para seu desenvolvimento. Portanto, uma abordagem educativa que valorize a individualidade, a escuta ativa, expectativas realistas, um ambiente seguro, o reconhecimento das necessidades emocionais, a flexibilidade e o valor do erro podem contribuir significativamente para o bem-estar e crescimento das crianças.



## **À guisa de uma (in) conclusão**

A eventual adaptação da educação às crianças "tão diferentes de hoje" nos leva a considerar a complexidade da infância e o papel crucial que os adultos desempenham na formação das gerações futuras. Isso nos lembra da importância de ouvir e compreender as crianças, reconhecendo que cada geração traz consigo suas próprias características e desafios. A renúncia à educação, nesse contexto, é vista como uma forma de negar às crianças seu direito fundamental de receber uma educação adequada, o que pode ter consequências profundas em sua vida e na sociedade como um todo. Portanto, a reflexão proposta aqui, nos convida a dar tempo e atenção às crianças, a fim de proporcionar-lhes um ambiente de aprendizado que respeite sua singularidade e as prepare para o futuro.

É justo acreditar na tese de Lajonquière (2002, p. 13) ao dizer que, "A educação para a realidade poderia ser pensada como uma educação além do justificacionismo pedagógico de cunho hegemônico na sua época". A ideia de adaptar a educação às crianças *tão diferentes hoje* levanta questões fundamentais sobre a natureza da infância, a evolução das práticas educacionais e o papel dos adultos na formação das novas gerações. Para compreender melhor essa reflexão, é importante desdobrar os elementos presentes nessa afirmação.

Primeiramente, a crença de que as crianças são tão diferentes hoje em razão da tecnologia sugere uma transformação nas características e comportamentos das crianças contemporâneas em comparação com gerações anteriores. Essa percepção, muitas vezes, leva à crença de que os métodos educacionais tradicionais não são mais adequados (isso exige um profundo cuidado), e é necessário adaptar a abordagem pedagógica para atender às necessidades das crianças atuais. No entanto, essa visão pode ser simplista, uma vez que as mudanças na infância podem ser influenciadas por uma série de fatores, incluindo avanços tecnológicos, mudanças culturais e sociais, entre outros.

É preciso cuidado quando permitimos que as crianças sejam deixadas à margem ao renunciarmos ao ato de educar, o que destaca a responsabilidade dos adultos na formação das crianças. Isso implica que a educação não é apenas uma questão de transmitir informações, mas também de criar um ambiente onde as crianças possam se desenvolver plenamente, expressar suas opiniões e participar ativamente de sua própria aprendizagem. Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968), enfatiza a importância de uma educação dialógica e participativa, onde educadores e educandos se envolvem em um processo de aprendizado mútuo.

Freire argumenta que a educação deve ser um ato de liberdade, permitindo que as crianças sejam sujeitos ativos em sua própria formação. Ele critica a educação bancária, onde os educadores apenas depositam conhecimento nos educandos, e defende uma abordagem onde o diálogo e a interação são centrais. Nesse sentido, a responsabilidade dos adultos não se limita a transmitir conhecimento, mas também a criar condições para que as crianças possam questionar, refletir e construir seu próprio entendimento do mundo.

Portanto, a teoria de Paulo Freire nos lembra que educar é um ato de amor e responsabilidade, que vai além da simples transmissão de conhecimento. Envolve a criação de um ambiente educacional que respeite e valorize a individualidade das crianças, promovendo seu desenvolvimento integral. Esse processo educativo deve ser inclusivo e participativo, garantindo que as crianças não sejam deixadas à margem, mas que sejam protagonistas em sua jornada de aprendizado e crescimento.

A noção de infanticídio simbólico como vimos anteriormente no mostra que a eventual renúncia dos adultos à educação equivale a negar às crianças o direito de pleitear uma educação adequada. Isso implica que, ao não reconhecermos a importância da educação e ao negligenciarmos as necessidades das crianças, estamos comprometendo seu desenvolvimento e seu acesso a oportunidades futuras.

A ideia de que devemos dar tempo ao tempo do estrangeiro reviver o familiar, enfatiza a importância de reconhecer a singularidade das crianças e de nos esforçarmos para compreendê-las em seu próprio contexto.

Na relação entre o adulto, especialmente o professor, e as crianças, há uma dinâmica crucial que molda a educação e o desenvolvimento das gerações mais jovens. O adulto desempenha um papel fundamental nessa interação, e sua postura e abordagem podem ter um impacto profundo no processo educacional e no bem-estar das crianças.

Algumas considerações sobre o papel do adulto na relação educacional com as crianças são essenciais para uma compreensão holística desse processo. O adulto, especialmente o professor, atua como um facilitador do aprendizado, fornecendo informações, orientação e estrutura para o processo educacional. Além disso, os adultos servem como modelos de comportamento, com as crianças frequentemente imitando as ações e atitudes daqueles ao seu redor. Portanto, é imperativo que os adultos demonstrem os valores e comportamentos que desejam transmitir.

O papel do adulto também inclui a promoção da empatia e da compreensão. Professores e cuidadores podem incentivar essas qualidades nas crianças ao mostrar compaixão, ouvir atentamente suas preocupações e ensinar-lhes a considerar as perspectivas dos outros. Estabelecer limites e expectativas apropriadas é igualmente crucial, ajudando as crianças a compreenderem as normas sociais e a desenvolverem autodisciplina.

Fomentar a criatividade e a expressão das crianças é outro aspecto vital do papel do adulto. Criar um ambiente onde o pensamento criativo e a curiosidade sejam valorizados pode incentivar a inovação e o desenvolvimento cognitivo. Além disso, estimular a participação ativa das crianças no processo educacional é fundamental. Professores e cuidadores devem incentivar as crianças a fazer perguntas, compartilhar ideias e assumir responsabilidade por seu próprio aprendizado.

Reconhecer a individualidade de cada criança é fundamental para uma educação eficaz. Os adultos devem estar dispostos a adaptar suas abordagens de ensino para atender às necessidades individuais, considerando os diferentes estilos de aprendizagem e níveis de habilidade. Construir um relacionamento de confiança é essencial, pois as crianças precisam sentir que podem confiar nos adultos ao seu redor para apoiá-las e protegê-las.

Por fim, os adultos desempenham um papel crucial na promoção da compreensão da diversidade. Ensinar as crianças a respeitarem e celebrarem as diferenças culturais, étnicas e individuais é vital para a formação de uma sociedade inclusiva e empática. É essencial que os adultos estejam cientes de seu impacto e busquem criar ambientes educacionais positivos e enriquecedores, promovendo o desenvolvimento integral das crianças e preparando-as para enfrentar os desafios de um mundo em constante mudança.

## Referências

- Ariès, P. (1960). *L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime*. Plon.
- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Polity Press.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Volume I. Attachment*. Basic Books.
- Bourdieu, P. (1991). *Language and Symbolic Power*. Harvard University Press.
- Buckingham, D. (2000). *After the Death of Childhood: Growing Up in the Age of Electronic Media*. Polity Press.
- Freud, S. (1929). *Civilization and Its Discontents*. Hogarth Press.
- Freud, S. (1976a). O esclarecimento sexual das crianças. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 135-144). Imago. (Originalmente publicado em 1907).
- Freud, S. *El malestar en la cultura*. In Obras Completas, v. 3. Biblioteca Nueva, 1929.
- Freire, P. (1968). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Korczak, J. (1967). *How to Love a Child and Other Selected Works*. Teachers College Press.
- Lajonquière, L. de. A infância, os adultos e a ilusão de um futuro. In: Coloquio do LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, São Paulo.
- Marcílio, M. L. (1998). *A História Social da Criança Abandonada*. Hucitec.
- Montessori, M. (1967). *The Discovery of the Child*. Ballantine Books.
- Pinto, M. (1997). A infância como construção social. In: M. Pinto & M. J. Sarmiento (Eds.), *As crianças: contextos e identidades* (pp. 31-73). Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho.
- Postman, N. (1994). *The Disappearance of Childhood*. Vintage Books.
- Prensky, M. (2001). *Digital Natives, Digital Immigrants*. *On the Horizon*, 9(5), 1-6.
- Santos, D. M. A. A. P. (2022a). Fluid times with memories in a dropper. *Simbiotica*, 9(1), 126-129. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/237579>
- Santos, D. M. A. A. P. dos. (2022b). *A Presença e o reconhecimento da criança autista: enlases entre análise de discurso e psicanálise* (Mestrado). Educação e Subjetividade, Unib/Usps, São Paulo. Disponível em: <http://deposita.ibict.br/handle/deposita/361>
- United Nations. (1989). *Convention on the Rights of the Child*. Retrieved from <https://www.unicef.org/child-rights-convention>
- Winnicott, D. W. (1965). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment: Studies in the Theory of Emotional Development*. Hogarth Press.
- Winnicott, D. W. (1982). Preocupação materna primária. Em: D. W. Winnicott, *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (pp. 491-498). (J. Russo, trad.) (2ª ed.). Francisco Alves. (Original publicado em 1956).

## Como citar

Santos, D. M. A. A. P.; Cunha, K.S.S.; Silva, W. A. (2024). Relações da Infância com a Escola e os Adultos na Atualidade. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 10, n.1, 54-73. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137relacoesdainfancia>

RECEBIDO EM:11/03/2024  
APROVADO EM: 11/06/2024